

LITERATURA INDÍGENA EM LÍNGUA INGLESA: ESCRITA LITERÁRIA E TRAUMA COLONIAL

Raul Oliveira de Albuquerque; Tamara Luiza Belmont; Professora Doutora Liane Schneider

Universidade Federal da Paraíba – Campus João Pessoa
raul.albuquerque.1984@gmail.com

INTRODUÇÃO: Esta pesquisa tem como meta desenvolver um estudo teórico-analítico de caráter interdisciplinar sobre produções literárias indígenas contemporâneas na América do Norte, analisando, mais especificamente, poemas produzidos por autores e autoras indígenas, selecionados a partir de antologias publicadas sobre literaturas definidas como "étnicas" no contexto do Canadá e Estados Unidos, principalmente a partir da década de 90 do século passado e ainda não amplamente trabalhadas, quer pela crítica literária quer pela literatura indígena escrita no território nacional. Nossa escolha se justifica, uma vez que, tais obras, através de elos estabelecidos entre culturas de tradição oral e escrita, dão visibilidade a questões fundamentais nas relações entre os nativos e não nativos com o objetivo de gerar empatia por meio da apresentação e discussão de experiências históricas traumática a partir de uma perspectiva mais abrangente. Nosso enfoque é, com base nas leituras do material indicado pelas antologias supracitadas e nas discussões feitas nas reuniões do grupo de pesquisa, verificar de que forma o trauma tem marcado a vida prática e, conseqüentemente, a literatura desses grupos ao longo dos séculos que seguiram a colonização. Buscamos, através do estudo do lugar assumido pelo 'eu lírico' em tais poemas, discutir as metáforas e significados que compõem as imagens poéticas nas obras selecionadas e destacar os impactos que a literatura pode assumir como voz que questiona e desmascara arranjos de poder ainda dominantes no contexto pós-colonial, contribuindo com o processo de descolonização da visão de mundo de seus interlocutores, preservando e propagando uma cultura milenar através de uma literatura ainda tida como jovem.

A literatura indígena norte-americana teve como base fundadora a tradição oral. Nas diversas tribos, contos, mitos, lendas e canções foram sendo transmitidos e repassados de geração em geração por via oral, tanto em encontros informais desses grupos como em suas celebrações tradicionais e, uma vez que, os índios careciam de um sistema de escrita que possibilitasse o registro de suas narrações, a transmissão desses relatos dependia unicamente da fala, o que os deixou sujeitos à mudança, uma vez que cada um que os recontasse poderia enfatizar pontos diferentes, omitir outros, ou acrescentar material inédito. Por essa razão, tais relatos apresentam diversas nuances e versões que foram se perdendo com o passar do tempo, o que tornou impossível, em alguns casos, determinar suas origens com exatidão. A autoria, assim, no contexto indígena, tendia e tende a ser atribuída à coletividade.

Tradições orais aparecem apenas quando são contadas. Por momentos fugazes elas podem ser ouvidas, mas na maior parte do tempo elas habitam apenas nas mentes das pessoas. As pronúncias são transitórias, mas as lembranças não são. Ninguém em sociedades cuja tradição é transmitida oralmente duvida que as memórias podem ser repositórios fiéis que contêm a soma total da experiência humana passada, e são capazes de explicar o como e o porquê das condições atuais. (VANISA, 1985, p.11)

A tradição oral dos nativos norte-americanos é

caracterizada principalmente pela exaltação da natureza como mãe física e espiritual, pela presença de totens e espíritos de familiares e de animais, bem como de personagens mitológicos, como é o caso do Wendigo ou os inúmeros papéis assumidos pelo trickster. Constatou-se também, que a escrita tende a empobrecer tais estórias, uma vez que, não se mostra capaz de capturar e conservar toda a simbologia e as experiências peculiares vividas por esses povos. “A maioria dos estudiosos concorda que o relato oral nunca pode ser expresso plenamente através da escrita, experiência não pode ser duplicada em forma de texto.” (BLAESER, 2012, pag.15)

O processo de colonização europeu na América do Norte, que começou de forma mais palpável no século XVII (mas desde 1492 havia invasores atacando as Américas), foi aos poucos não só dizimando os índios, mas também suprimindo as suas culturas e impondo, cada vez mais, aspectos das culturas europeias, principalmente da inglesa, como a língua, os costumes e os padrões estéticos literários de além-mar. Por essa razão, alguns afirmam que o período de produção literária puramente indígena teve seu fim com o processo de colonização. Sabe-se que houve diversas guerras por território entre os colonos americanos e os povos nativos, a maioria dessas ocorridas durante o século XIX. Todavia, de acordo com Ned Blackhawk (2008), historiador vinculado à Universidade de Yale e membro da tribo Te-Moak, muitos fatos históricos que retratam a brutalidade característica de tal período, bem como diversos povos nativos do Oeste americano, aparecem muito superficialmente nos registros históricos, quando não são completamente deixados de lado pelos historiadores.

Já no começo do século XX, os índios que não haviam sido massacrados pelas guerras ficaram restritos a pequenos territórios. Neste período a tradição oral foi vital para a conservação da identidade tribal e da herança cultural dos nativos. Em seu livro, Escritoras indígenas e a literatura contemporânea nos EUA, a professora universitária Liane Schneider afirma que “[...] esses relatos eram percebidos como fundamentais não só na formação espiritual do grupo, mas também para garantir a manutenção do cabedal cultural ao longo do tempos” (2008, p. 54). Apesar de já no final do século XVIII George Washington ter concebido a ideia de “civilizar” os índios e prepará-los para serem cidadãos americanos, foi somente em 1924 que os nativos receberam o direito à cidadania. Durante este período, a igreja teve um papel vital na aculturação dos povos nativos, efetivando a alfabetização destes a fim de evangelizá-los. É possível perceber a presença de padres e missionários em romances indígenas como na obra Tracks (1988), romance escrito por Louise Erdrich. Essa intervenção cristã também foi mencionada por Schneider. “Na verdade, pode-se presumir que sem a interferência direta da igreja e de inúmeros missionários, muitos indígenas que aprenderam a ler e escrever só viriam a ser alfabetizados muito mais tarde, se é que isso viria a acontecer” (2008, p. 55).

Entretanto, foi justamente o acesso à língua escrita que resultou, bem mais recentemente, no surgimento de vários escritores indígenas conscientes quanto a ideais pós-coloniais e que vêm se empenhando em resgatar ou dar novo formato à identidade e a bagagem cultural dos povos nativos das Américas, disseminando a diversidade cultural, combatendo a monocultura e apresentando uma imagem mais positiva dos indígenas, até então retratados apenas pelo ponto de vista dos colonizadores.

METODOLOGIA: A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa intercalou momentos



de leitura, de discussão em grupo e de produção de textual. Foi realizada a leitura de textos fundamentais sobre os conceitos de identidade e literatura indígena, buscando verificar como tal temática é discutida em diferentes áreas do conhecimento, buscando a elaboração de uma definição interdisciplinar capaz de nos auxiliar na identificação de representação dessas vozes no campo da produção literária. Foi feito ainda, a leitura de textos que discutem sobre os processos de colonização e seus impactos, especialmente aqueles afinados com pontos de vista nativos, discutindo a colonização a partir das teorias indígenas sobre tal fenômeno histórico. Buscamos ainda, nos aprofundar na temática do trauma histórico, aqui apoiado tanto na área da Psicologia quanto na de História e Psicologia, a fim de melhor embasar as análises de tais representações no corpus literário supracitado. Por fim, com base nas leituras e discussões feitas em grupo, nos dedicamos à produção textual analítica e crítica, buscando discutir o trauma latente nas obras literárias escolhidas, apontando a relevância sócio-cultural do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Para que seja possível fazer a análise dos poemas, primeiro devemos buscar entender o conceito de “trauma”. Em seu livro *Trauma and Survival in Contemporary Fiction*, a pesquisadora Laurie Vickroy definiu trauma como sendo “[...] uma resposta a eventos tão esmagadoramente intensos que prejudicam as respostas emocionais ou cognitivas normais e trazem uma perturbação psicológica duradoura.” (2002, p. 9) A partir do século XX, o surgimento de produções artísticas que transmitissem características da experiência traumática vivida por esses povos surgiu como resposta a uma demanda social de expressão cultural das minorias assombradas por um passado atroz.

Narrativas de trauma, eu afirmo, são respostas personalizadas para a emergente consciência, deste século, dos efeitos catastróficos causados por guerras, pobreza, colonização e abuso doméstico na psique individual. (VICKROY, 2002, pag. 10)

Nessa época, as produções literárias concebidas por escritores pós-colonialistas, ao revisitarem a história, retratando-a a partir de um ponto de vista que divergia da história tida como “oficial” chamaram a atenção da população, uma vez que, “mais de três quartos das pessoas que vivem no mundo atualmente tiveram suas vidas afetadas pela experiência do colonialismo.” (ASHCROFT et al., 1989, p.1) Vickroy (2002, p. 11) argumenta que ao representarem o trauma em suas obras, os escritores pós-colonialistas assumem um papel de levantar uma série de questionamentos intrigantes, levando seus leitores a refletir e reconsiderar suposições culturais sobre identidade cultural e dinâmicas de poder. Mais do que simplesmente tentar retratar os povos nativos como sendo vítimas, estes autores têm se engajado na tarefa de despertar em seus leitores uma consciência social acerca das sequelas deixadas pela colonização europeia na América do Norte.

Rita Joe, escritora e compositora canadense, nasceu em 1932, sendo membro integrante da tribo Mi'kmaq, grupo com o qual conviveu durante a infância. Aos 10 anos se tornou orfã, e aos 12 entrou para uma escola indígena, onde as críticas destrutivas que recebia constantemente a incentivaram a começar a escrever. (HISTORICA CANADA, 2007). Sua obra expressa o trauma da colonização vivenciada por seu povo durante séculos, nas Américas. A seguir faremos a análise do poema “I Lost My Talk (Eu perdi minha fala)” publicado em 1989 no livro *Canadian Woman Studies* (10, 2&3, p. 28)



“I lost my talk The talk you took away.”

Ao analisar estes dois primeiros versos do poema, podemos perceber que há uma clara tensão entre as figuras do eu-lírico e a figura a quem ele se dirige, possivelmente o colonizador, responsabilizando-o por ter-lhe tirado a “fala”. Uma das formas que os nativos encontraram de resistir à cultura dos colonizadores foi falar acerca das perdas resultantes da tentativa de descaracterização cultural, apontando claramente a violência por meio da qual foram não apenas tratados, mas também retratados. Por essa razão, uma possível interpretação para o emprego da palavra “talk (fala)” aqui, seria a de que ela foi usada para se referir não apenas à língua, à tradição oral e à cultura indígena num em geral, mas também à opinião e à voz ativa destes povos nas decisões que diziam respeito às suas próprias vidas.

Talvez o tópico mais fundamental levantado pela literatura de origem indígena, particularmente aquela produzida por mulheres, quanto pelas teorias feministas, está relacionado à voz: Quem pode falar? Como pode falar? Sob quais circunstâncias? E o que pode ser dito? (...) Que ação pode ser tomada? (DONOVAN 1998: 7-8)

Na forma como segue a primeira estrofe, o eu-lírico relembra a infância em uma instância representativa da cultura do colonizador, a escola Shubenacadie. *“When I was a little girl At Shubenacadie school.”* A escola em questão foi uma instituição residencial indígena, localizada na província de Nova Scotia, no Canadá, na qual Rita Joe viveu e estudou a partir dos seus 12 anos. Vale pontuar que, uma das maiores tentativas de repressão da cultura indígena se deu por meio da criação do sistema canadense de escolas residenciais para aborígenes, a partir do final do século XIX e permaneceu em atividade até quase o fim do século XX. (OBLATES IN THE WEST, 2009) O governo da época, que enxergava os aborígenes como sendo povos “não-civilizados” e, portanto, inferiores em termos de cultura e intelecto, desenvolveu o sistema como uma tentativa de “civilizar” os nativos por meio da educação e cristianização, contando com a ajuda administrativa da Igreja Católica Romana canadense (SINCLAIR, 2012).

Analisemos agora a segunda estrofe: *“You snatched it away: I speak like you. I think like you. I create like you. The scrambled ballad, about my word.”* Assim, podemos inferir que, ao dizer que agora fala, pensa e cria como o outro, o eu-lírico demonstra que houve uma parcial assimilação das diferenças e valores culturais impostas pelo colonizador. Em entrevista ao site CTV Atlantic, Linda Maloney, que foi aluna residente da escola de Shubenacadie, citada no poema, dos cinco até os dez anos de idade relatou que as crianças que falavam Mi’kmaq, língua falada pela tribo homônima, eram punidas, apanhando com cintas de couro. “Eles estavam tentando nos fazer assimilar (a cultura deles). Eles queriam apenas se livrar dos índios.” (MALONEY, 2015). Tal assimilação teve como resultado uma visão de mundo multifacetada com elementos de ambas as culturas, que viria a ser o que o eu-lírico chama de “A balada misturada, sobre o meu mundo.”. Também é possível interpretar o uso da palavra “balada” neste caso como uma referência à tradição oral indígena, alguma melodia que insiste em não desaparecer. Ainda sobre a segunda estrofe, no verso *“You snatched it away (Você arrebatou isto)”* é possível dizer que talvez o eu-lírico não estivesse se referindo unicamente às perdas culturais supracitadas, nem apenas à fala, mas também ao fato de as crianças indígenas serem tiradas de seus convívios familiares a pretexto de absorverem melhor a cultura europeizada imposta nas escolas. Em 1883, Hector Langevin (1826-1906), o então ministro das Obras Públicas e membro da Assembleia Legislativa da Província do Canadá, explicou: “Devemos separar as crianças de suas famílias, a fim de educá-las de maneira adequada.

Algumas pessoas podem dizer que isso é difícil, mas se queremos civilizá-los, devemos fazer isso.” (THE NATIONAL, 2015)

Na terceira estrofe, a bifurcação cultural é nítida: “*Two ways I talk. Both ways I say. Your way is more powerful.*” Aqui, o eu-lírico parece afirmar que manteve ambas as línguas e culturas, reconhecendo o poder e a influência atrelados ao outro, mas sem abandonar totalmente suas raízes identitárias. Ele transita pelo mundo e língua do outro, enquanto que o outro só desfruta de seu lugar hegemônico singular.

Por fim, vejamos a última estrofe: “*So gently I offer my hand and ask. Let me find my talk. So I can teach you about me.*” Nestes versos, o eu-lírico pede gentilmente a solidariedade do outro, para que ela possa reencontrar sua “fala” (aqui representando suas origens, sua cultura, sua língua). Assim, por essa fala, poderá desvelar sua cultura, a fim de poder ensinar ao outro sobre si. Isso permitiria ao eu-lírico se apresentar a partir de uma ótica completamente diferente da do colonizador, inclusive mostrando a esse outro que ele também perde em sabedoria ao não conseguir abrir mão de sua visão de mundo unificada. Levando tudo isso em consideração, vale a pena citar a própria autora do poema em um depoimento:

Meu maior desejo é que haja mais escrita do meu povo, e que os nossos filhos a leiam. Eu já disse repetidas vezes que a nossa história seria diferente se tivesse sido expressa por nós mesmos. (Joe, 2007)

CONCLUSÃO: A literatura com a qual trabalhamos nesta pesquisa é de suma importância histórica e cultural, pois descortina a realidade crua e violenta de um passado traumático marcado por abusos. Ela nos apresenta uma perspectiva alternativa da história, que diverge em diversos pontos daquilo que é aceito como verdade por alguns historiadores e amplamente divulgado através dos livros. Essa perspectiva é a perspectiva daqueles que sofreram e sofrem até hoje com as consequências de uma colonização brutal e mesmo assim não se calam, continuam testemunhando acerca dos abusos que sofreram, ten-tando gerar empatia em seus interlocutores. Acreditamos que temas velados, que envolvem relações de violência mal resolvida permeiam a maior parte dos textos analisados, ainda que no momento con-temporâneo o lugar de vítima esteja bem menos atrelado a essas identidades e textos, o que torna-se possível através do uso da ironia no que se refere à representação das culturas (ainda) dominantes.

Fez-se notório para todos os envolvidos nesta pesquisa que esses relatos milenares são um tesouro histórico e cultural da humanidade, que muitas vezes não consegue alcançar mais pessoas, muitas vezes devido à falta de acesso a versões traduzidas sendo disponibilizadas pelas editoras, e mesmo sem receber toda a projeção e propagação midiática das quais são dignas, esses relatos conseguem ser bastante significativos culturalmente, perpetuando e propagando a identidade artística dos índios nati-vos da América, antes restrita apenas às tribos. Tal literatura desperta em nós a consciência do quanto é importante descolonizarmos nossos projetos, nossos olhares, nossos discursos críticos, além de des-tacar a qualidade estética de textos construídos a partir de paradigmas não necessariamente afinados-com os modelos das culturas e literaturas ocidentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLACKHAWK, Ned. Violence over the Land: Indians and Empires in the Early American West. Cambridge: Editora Harvard University Press, 2008.

BLAESER, Kimberly M., Gerald Vizenor: Writing in the Oral Tradition. Oklahoma: Editora University of Oklahoma Press, 2012. p15

GOLDIE, Terry (citei um trecho dela que está no “PREFACE TO THE FIRST EDITION: TWO VOICES” mas na xerox não aparece o nome da antologia)

HISTORICA CANADA, Rita Joe. Disponível em: <<http://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/rita-joe/Joe>>. Acesso em: 2 de Abril de 2016

LACAPRA, Dominick. Writing History, Writing Trauma. Baltimore: Editora Johns Hopkins University Press, 2000.

MALONEY, Linda. Former student, teacher recall dark times at Shubenacadie residential school. Atlanta: 2015. Entrevista concedida ao site CTV News Atlantic. Disponível em: <<http://atlantic.ctvnews.ca/former-student-teacher-recall-dark-times-at-shubenacadie-residential-school-1.2403386>>. Acesso em: 14 de Maio de 2016

MARACLE, Lee. I Am Woman. Richmond: Editora Raincoast, 2002.

SCHNEIDER, Liane. Escritoras indígenas e a literatura contemporânea nos EUA. João Pessoa: Editora UFPB/Ideia, 2008.

SIMARD, Rodney. American Indian Literature, Authenticity, and the Canon in World Literature Today, vol 66 (Summer 1992), pp. 243-248.

SINCLAIR, Murray. FASD - A Legacy of The Residential School System, 2012. Em: <http://www.interprofessional.ubc.ca/AdultsWithFASD/documents/C5_Sinclair.pdf>. Acesso em: 12 de Janeiro de 2016.

THE NATIONAL. Stolen Children | Residential School survivors speak out. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vdR9HcmiXLA>>. YouTube, Acesso: 14 de Maio de 2016

VANISA, Jan M., Oral Tradition as History. Winsconsin: Editora University of Winsconsin Press, 1985. p11

VICKROY, Laurie. Trauma and Survival in Contemporary Fiction. Virginia: Editora The Rector and Visitors of The University of Virginia, 2002.

WEAVER, Jace. That the People Might Live: Native American Literatures and Native American Community. New Haven: Editora Oxford University Press, 1997.

WILSON, Norma. America's Indigenous Poetry in The Cambridge Companion To Native American Literature. Editado por Joy Porter; Kenneth M. Roemer. Cambridge: Editora Cambridge University Press, 2005 p145